

COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA E RELAÇÕES DE PODER: UMA PROPOSTA TEÓRICO- METODOLÓGICA

COMMUNITY COMMUNICATION AND POWER RELATIONS: A
THEORETICAL AND METHODOLOGICAL PROPOSAL

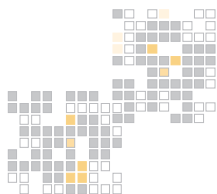
*COMUNICACIÓN COMUNITARIA Y RELACIONES DE PODER: UNA
PROPUESTA TEORICO-METODOLÓGICA*

Patrícia Franck Pichler

- Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação Midiática na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
- E-mail: patricia.pichler@gmail.com.

Maria Ivete Trevisan Fossá

- Docente da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Comunicação pela UMESP e Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- E-mail: fossa@terra.com.br.



RESUMO

Com interesse nos estudos da comunicação comunitária, este artigo propõe um modo de investigar e compreender como os poderes investidos no ambiente de projetos comunitários podem interferir em sua atuação e das pessoas neles envolvidos. Partindo da articulação teórica entre dispositivos de biopoder e práticas de biopolítica, e do enfoque no empoderamento pessoal e coletivo, propomos uma perspectiva investigativa empírica alinhada à Análise Crítica do Discurso, de Norman Fairclough, a partir da observação do caso do Viva Favela.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA; RELAÇÕES DE PODER; DISCURSO; EMPODERAMENTO.

ABSTRACT

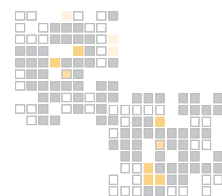
Interested in community communication studies, this article proposes a way to investigate and understand how the powers vested in the community projects environment can interfere with their operations and with the people engaged in their developments. Based on the theoretical articulation between bio-power provisions and bio-politics practices, and focused on the personal and collective empowerment, we propose an empirical investigative perspective aligned with Norman Fairclough's Critical Discourse Analysis, from observation of the Viva Favela case.

KEYWORDS: COMMUNITY COMMUNICATION; POWER RELATIONS; DISCOURSE; EMPOWERMENT.

RESUMEN

Con interés en los estudios de la comunicación comunitaria, este artículo tiene como objetivo proponer una manera de investigar y entender cómo los poderes investidos en los proyectos comunitarios pueden interferir en su actuación y en la de las personas que participan de ellos. Así, a partir de la articulación teórica existente entre los dispositivos del biopoder y de las prácticas de la biopolítica, y del enfoque en el empoderamiento personal y colectivo, proponemos una perspectiva investigativa empírica alineada con el análisis crítico del discurso, de Norman Fairclough, partiendo de la observación del caso del Viva Favela.

PALABRAS CLAVE: COMUNICACIÓN COMUNITARIA; RELACIONES DE PODER; DISCURSO; EMPODERAMIENTO.



1. Introdução

O contexto investigativo que apontamos neste artigo é de tensionamento entre controle e liberdade em espaços articuladores da comunicação comunitária. Nesse estudo, pautamos nossa investigação teórica e empírica a partir do olhar participativo da comunicação, ou seja, os meios de comunicação comunitários com ênfase na circulação do conhecimento para a emancipação do sujeito e das coletividades (Manyozo, 2006).

A este viés comunicacional, propomos uma articulação com os dispositivos de biopoder e as práticas de biopolítica, com base em Michel Foucault e seguindo com as revisões conceituais de Peter Pelbart. Com o apoio de Henrique Antoun e Fábio Malini, organizamos uma perspectiva teórico-metodológica utilizada como guia à observação dos tensionamentos de poder no ambiente de projetos comunitários, com foco naqueles que trazem uma proposta comunicacional em seu fazer. Buscamos oportunizar um modo de investigar e compreender como os poderes investidos e imbricados no ambiente de projetos comunitários podem interferir na atuação dos mesmos.

O objeto de observação é o Viva Favela (VF), projeto da Organização Não Governamental Viva Rio, do Rio de Janeiro (RJ). A iniciativa, cuja atuação está organizada no Portal Viva Favela, busca a participação ativa e continuada dos moradores dos locais nos quais atua. Todos os integrantes cadastrados no site são denominados “Correspondentes Comunitários” (CC) e alimentam este espaço por meio do envio de conteúdos informativos sobre favelas e periferias nas quais vivem. Eles também contam com o auxílio de editores, jornalistas convidados que orientam na construção de pauta, na busca por informações e na elaboração dos textos/matérias.

O Viva Favela, que existe desde 2001 e já passou por diversas reformulações, está temporariamente suspenso, devido ao fim de contratos de

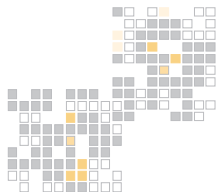
patrocínio não renovados, bem como pela crise econômica e política enfrentada no Brasil desde 2015. Contudo, o portal do projeto permanece online (oportunizando acesso ao material divulgado) e sendo atualizado (embora com menor periodicidade) pela equipe que ainda atua junto à ONG Viva Rio.

Seguindo a perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD), compreendemos que as práticas discursivas se transformam e, através das estratégias languageiras, modificam também as relações sociais, as identidades sociais e o conhecimento (Fairclough, 2001). A ACD preocupa-se com as relações que existem entre os sujeitos sociais e suas práticas sociais, elementos que estão imbricados com as práticas discursivas. O que esta linha de análise aponta é que o sentido dado/obtido através das práticas discursivas acionadas é totalmente dependente da relação com suas práticas sociais e culturais, bem como dos tensionamentos de poder que permeiam esse contexto. Visto isso, entendemos profícua a relação entre discurso, biopoder e biopolítica para o estudo e novas compreensões acerca da comunicação comunitária.

2. Biopoder, biopolítica e a análise crítica do discurso

Apesar do foco deste artigo estar na apresentação de uma perspectiva investigativa empírica, o percurso metodológico sugerido inicia com a aplicação de pesquisa bibliográfica, a partir da articulação crítica entre os conceitos base para o estudo, definindo a perspectiva sob a qual se encaixa o intuito investigativo. À proposta aqui trazida, trata-se da articulação teórica sobre biopoder, biopolítica e a própria comunicação comunitária.

Com base nos entendimentos sobre esses conceitos, definimos palavras, ações e características correlacionadas para a compreensão dos dispositivos de biopoder, bem como do empodera-



mento e da autovalorização em comunidades/coletividades, ações de produção biopolítica. Com a revisão bibliográfica concluída, partimos ao estudo das estratégias discursivas nos textos dos correspondentes comunitários. Verificamos marcas discursivas para inferir sobre como o biopoder e a biopolítica estão presentes nos sujeitos participantes do projeto.

Entendemos o biopoder no contexto problematizado como “uma nova arte de governar a liberdade dos sujeitos”, operando com mecanismos para “produzir, insuflar, ampliar as liberdades, introduzir um ‘a mais’ de liberdade por meio de um ‘a mais’ de controle e de intervenção” (Foucault, 1977 apud Antoun e Malini, 2010, p.3). Em contrapartida, temos a biopolítica, “conjunto de atos de resistência e de contra insurgência de vidas que não deixam capturar pelo controle e reivindicam uma economia da cooperação que mantenha os bens comuns dentro de um direito e de um espaço público [...]” (Antoun; Malini, 2010, p.6).

Abordar sobre esses poderes a partir da perspectiva foucaultiana é tratar sobre a vida e seu desenvolvimento e, assim, sobre a ação das pessoas, o que gera um movimento de produção e reprodução de poderes, que Peter Pelbart (2003) aponta como o processo do qual surgem também os contrapoderes, as resistências. Essas, por sua vez, são capazes de gerar mudança. É quando lutamos, questionamos regras impondo a elas novas regras, que geramos algo novo e tornamos algo diferente.

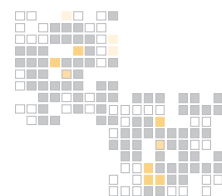
O cenário econômico e político vivenciado, do qual a globalização é protagonista, ao lado do rápido avanço das redes e conexões virtuais (online), organiza sistematicamente um processo que, ao mesmo tempo em que precisa incluir para o funcionamento de sua lógica, termina por excluir. Isso é devido ao estabelecimento do capitalismo em rede, pois a teia de conexões estabelecida não permanece no âmbito social, migrando

para o comercial (Pelbart, 2003).

Para que seja possível reverter esta ordem, é necessária outra força, capaz de romper as barreiras do poder dominante. Este contrapoder provém da vida como força, da biopotência do coletivo, da riqueza biopolítica da “multidão”, do poder inventivo dos sujeitos comuns que oportuniza novas associações e novas formas de cooperação. “Nesse contexto, as **forças vivas presentes por toda parte na rede social** deixam de ser reservas passivas à mercê de um capital insaciável, e **passam a ser consideradas elas mesmas um capital**, ensejando uma comunialidade de autovalorização” (Pelbart, 2003, p.2. Grifo nosso).

Em meio às forças do biopoder e da biopolítica está a comunicação e os *media*, permeados pela atual cultura da participação e milhões de leitores/internautas/produtores, atentos às informações e preparados para criar suas versões, e assim, contribuir a partir de uma comunicação partilhada. Contudo, apesar da atual lógica do ciberespaço estar marcada pela atuação dos internautas, muitos espaços mantêm a liberdade controlada por meio de estratégias que pautam esta participação, direcionando o modo de “falar sobre” determinadas temáticas. Dessa forma, os espaços oportunizados pelos meios de comunicação na perspectiva comunitária, atuam também na tensão entre os dispositivos de biopoder e a *práxis* da biopolítica, pois se constituem como espaços de expressão livre e de criação e representação autônoma, ao passo que apresentam regras de participação e estão ancorados a instituições que condicionam sua atuação e manutenção.

Sob esse âmbito, surge a questão da liberdade. Para Antoun e Malini, “o cerne do debate sobre liberdade está no direito de produção autônoma de formas de vida, que não sejam atravessadas pela força estatal nem pela mercantilização do capital, mas por ‘direitos comuns’ que as protejam e as liberem ao mesmo tempo” (Antoun; Malini, 2010, p.3). Os autores fazem um destaque



para a ideia de que atualmente vivemos na internet “um império da liberdade mercantilizada na rede” (Antoun; Malini, 2010, p.3), o que também ocorre em outros espaços midiáticos.

É no emaranhado de ações e interações que se faz perceber o poder, através das relações de força, que podem ser melhor compreendidas quando lançado olhar sobre o discurso, presente nas teorias sociais e na investigação das práticas sociais. O discurso está manifestado “nos modos particulares de uso da linguagem e de outras formas simbólicas” (Fairclough, 2001, p.22) e, conforme Verón (2004), é determinado como o local no qual há um sentido investido, um conjunto significativo, quer seja o corpo, um gesto, a fala, a língua, uma imagem, um texto.

A análise do discurso nesta investigação apoia-se na perspectiva crítica e no modelo tridimensional propostos por Norman Fairclough (2001), atenta às práticas sociais associadas às práticas discursivas, principalmente nas transformações ocorridas em ambas. Trata-se da soma de três tradições analíticas: a análise textual, a análise das práticas discursivas e a análise das práticas sociais. A análise textual pertence a uma dimensão descritiva, trazendo aspectos práticos e estruturais da análise linguística. Por sua vez, as práticas discursivas e as práticas sociais são incluídas em um nível interpretativo, sempre relacionado à etapa analítica textual.

Julgamos adequada a análise do texto em primeira instância, pois permite capturar marcas linguísticas que nos aproximam do sujeito enunciatador, deixando transparecer sua identidade e sua intenção de ação, sempre sob certa pressão contextual que deve ser conjugada em paralelo à interpretação textual. A análise do texto é etapa constitutiva também das práticas discursivas, composta por micro aspectos relevantes à análise das práticas e mudanças sociais e culturais.

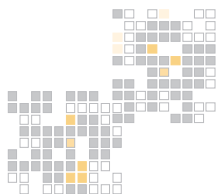
Utilizamos o segundo nível textual, a gramática, tendo como foco as orações enunciadas,

ao passo que “as pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado (e a construção) de identidades sociais, de relações sociais e de conhecimento e crença” (Fairclough, 2001, p.104). Assim, compreendemos que todos, ao selecionarem palavras e elaborarem frases, fazem escolhas vinculadas a seus significados ideais e identitários.

Com a análise guiada pela etapa gramatical, observamos a “transitividade”, os tipos de processos escolhidos pelos enunciatadores para significar um processo real, o qual pode apresentar significações culturais, políticas e/ou ideológicas. Esse aspecto analítico observa a variável “voz”, que pode ser ativa ou passiva. Com essa estratégia discursiva, o enunciatador pode, ou não, omitir o agente, ou simplesmente tentar ofuscá-lo e, assim, tirar a atenção da causalidade e da responsabilidade a ele implicadas.

Outra verificação trata do “tema”, aspecto analítico ideacional no discurso, a partir da compreensão do ponto de partida e final dado pelo produtor do discurso. Examinar o tema indica pistas sobre “pressupostos de senso comum a respeito da ordem social e das estratégias retóricas” (Fairclough, 2001, p.228). A tematização no início da frase, por exemplo, dá indícios de “informação dada”, já conhecida ou estabelecida para os enunciatadores, e até mesmo, enunciatários. A compreensão da sequência de temas configura-se como a “estrutura temática” organizada estrategicamente, o que configura uma significação a respeito do que o discurso trata.

Por fim, sugerimos um estudo sobre as marcas de sentido deixadas pela “modalidade”, que pertence a uma concepção de gramática orientada para o significado. A modalidade tem relação com a função interpessoal da linguagem e todo enunciado é modalizado. Conforme Hodge e Kress (1988 apud Fairclough, 2001), o autor de um discurso deve indicar qual o grau de afini-



dade com a proposição enunciada. Por exemplo, as reportagens postadas no portal Viva Favela são enunciados proposicionais, isso quer dizer que são elaborados e divulgados conscientemente, contendo traços da afinidade entre o enunciador e a proposição.

A modalidade dá mais do que indícios sobre o comprometimento do enunciador com as proposições, mas também com os interagentes marcados no discurso, sendo possível demonstrar afinidade, proximidade ou solidariedade. Expressar alta afinidade com a afirmação enunciada pode representar comprometimento com as pessoas relacionadas ou desejo de solidariedade, cooperação, ou mesmo, repúdio e reprovação. Já a baixa afinidade deve ser analisada com cuidado, pois pode representar falta de poder do enunciador e não, necessariamente, falta de convicção ou conhecimento.

3. Perspectiva teórico-metodológica ao estudo de tensionamentos de poder no contexto da comunicação comunitária

Para visualização da perspectiva proposta, trazemos alguns pontos da análise realizada em dois textos elaborados por um Correspondente Comunitário (CC) que participa do projeto Viva Favela (VF). Este CC escreve reportagens sobre a comunidade na qual vive para a sessão “Reportagens” do projeto, bem como elabora postagens em seu *blog* no VF. Julgamos adequado o estudo discursivo em textos das duas sessões, pois apresentam formas de ação distintas, sendo uma em parceria com a redação do projeto, com reunião de pauta e revisão textual, e a outra de forma independente.

Conforme a análise discorre, destacamos trechos dos textos estudados, para demonstrar as marcas discursivas e os aspectos verificados de acordo com a proposta analítica da ACD de Fairclough (2001). Nesse momento, é relevante também as compreensões obtidas a partir da

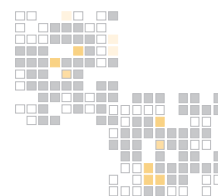
pesquisa bibliográfica anterior, sendo continuamente tensionada à teoria no decorrer da prática investigativa aplicada.

O primeiro texto investigado é a reportagem “Rocinha vive rotina da violência”, postada no dia 14 de novembro de 2014, na *home* do portal do projeto, na sessão “Reportagens”. É um texto bem elaborado, com boa correção ortográfica e com certo tom poético, que conta um pouco da realidade de perigo e violência que os moradores de favelas como a Rocinha enfrentam, desde o processo de pacificação. O texto não é extenso e não apresenta depoimentos e referência direta a outros moradores. Na reportagem são utilizadas duas fotografias de apoio, uma de autoria do próprio CC e outra reproduzida a partir de publicação na rede social *Facebook*, sendo feitas as devidas referências.

Iniciamos destacando os tipos de processos escolhidos pelos enunciadores (correspondente comunitário e redação VF) para significar o processo real que é relatado. Percebemos a utilização, em grande maioria, de processos de ação dirigida, quando é possível identificar o agente que realiza algo em direção a um objetivo. Colocando-se de forma direta, o enunciador posiciona-se claramente como alguém que vivencia o que está sendo relatado, ao passo que utiliza como sujeito de suas orações a primeira pessoa do singular (eu) em grande parte das frases, com referências também à primeira pessoa do plural (nós), ampliando a experiência a mais pessoas, mas se mantendo incluído.

Exemplo 1

Moro na Rocinha há 43 anos e nunca ouvi tantos tiros diários desde a guerra vivenciada em 2004, com a disputa de facções rivais. O tiroteio voltou a fazer parte da rotina de uma das maiores favelas do Brasil. Sei que isso não acontece só na Rocinha, porque leio os jornais e acompanho os re-



latos de moradores da Maré, do Alemão e de outras comunidades consideradas “pacificadas” (Texto sessão “Reportagem”. Grifo nosso).

Verificamos esta forma de discurso quando o CC é agente (‘eu’) de “morar”, “ouvir”, “ler”, “acompanhar”. Ao optar por este tipo de processo no que se refere ao aspecto da transitividade no discurso, o sujeito/enunciador posiciona-se e deixa marcas de sua orientação ativa, pois sua reportagem significa o processo real “como ações com agentes responsáveis” (Fairclough, 2001, p.225). Além disso, essa estratégia discursiva coloca o CC e os moradores da Rocinha em posição de “voz ativa”, o que marca sua presença no discurso e não um ofuscamento, não ocorrendo neste caso, a transformação do agente em objeto.

Este posicionamento é aprovado pelo Viva Favela, uma vez que a matéria passou pela revisão da redação, que publicou o texto com essas características. Delineamos, assim, marcas de “liberdade”, pois é permitida a gestão, a produção/trans transformação e a resistência, aspectos tensionados pela proposta biopolítica. No conjunto, “essas alternativas podem ser um foco de luta política e ideológica” (Fairclough, 2001, p.225), sendo ratificadas tanto pelos correspondentes, como pelo projeto comunitário.

Outro tipo de processo presente (exemplo 1) é o processo mental, que pode ser expresso como cognitivo, perceptivo ou afetivo, trazendo à tona no discurso “aquele que sente” e um fenômeno que é sentido (Fairclough, 2001, p.224). No exemplo 1, o CC mostra estar ciente da realidade e de que esta não é exclusiva de sua comunidade, ao utilizar o verbo “saber”, que remete a um processo mental cognitivo amparado pelas ações críticas de “ler jornal” e “acompanhar os relatos de moradores”. Com isso, percebemos sentidos de reflexão e de ação coletiva, bem como de inserção crítica para transformação da realidade,

apontamentos biopolíticos congruentes ao contexto comunitário e comunicacional.

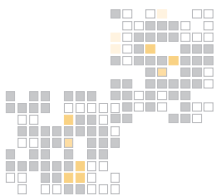
No que tange ao tema, inferimos qual estrutura é dada à informação apresentada para compreensão dos possíveis sentidos ideacionais (Fairclough, 2001). Assim como já observado na transitividade, a questão do uso da primeira pessoa no começo das frases demarca também uma estratégia retórica que aproxima os leitores da realidade contada por meio de uma estrutura temática que expressa acolhimento, envolvimento, conhecimento, compartilhamento de sentimentos em meio aos relatos.

“Fazer dos elementos temas marcados é uma forma de pô-los em primeiro plano” (Fairclough, 2001, p.228), desvendando-nos ser posto em primeiro plano aqui o sujeito da oração que age, as pessoas, o “eu” em sua coletividade de vivência. Ao utilizar essa estratégia discursiva, o correspondente comunitário não está somente aproximando-se dos leitores que compartilham com ele dessa realidade, mas também dos enunciatários “do asfalto” ao colocar como informação dada o fato de que nas comunidades das quais quase só se conhece violência e criminalidade, também existem pessoas, brasileiros.

Contudo, violência, criminalidade e perigo também entram em jogo quanto às estruturas temáticas da reportagem, iniciando pelo título “Rocinha vive rotina da violência”, que enfatiza certa relação do local (favela da Rocinha) à situação de risco constante (violência). E esse tema permeia por todo texto, sendo intercalado à temática pessoal (eu/nós), num imbricado de pessoas e medo, vida e morte.

Exemplo 2

*Esta semana fez três anos que a Rocinha foi ocupada pelas forças de pacificação ao mesmo tempo em que completa uma semana de **violência**. Todos os dias foram marcados pelo medo dos intensos **tirroteios**. Não é fácil viver*



no meio de uma guerra travada como essa
(Texto sessão “Reportagem”. Grifo nosso).

No exemplo, encontramos marcas do que expomos quanto à estrutura temática que apresenta a violência diária como característica ao contexto narrado, de “guerra travada”, “tiroteios”. Percebemos também referências ao tempo como tematização, reforçando o sentido dado à rotina vivida, apresentada já no título. O CC expõe que a realidade da Rocinha é de persistente tensão entre polícia e criminosos, entre moradores e seu dia-a-dia. Isso fica ratificado pelos temas que utilizam “esta semana” e “todos os dias”.

O grau de afinidade dos produtores com o ato realizado pode nos dar mais pistas do quanto realmente essas iniciativas auxiliam na mudança social e cultural, promovendo empoderamento e ação das pessoas para o enfrentamento de suas realidades. Em nosso estudo, trata-se do grau de envolvimento do enunciador com o seu discurso, as reportagens sobre as comunidades nos espaços oportunizados pelo Viva Favela. Observaremos por fim, aspectos vinculados à modalidade, que orientados para os significados interpessoais, dão conta da construção das relações sociais. A modalidade nos dá indícios do grau de afinidade e do comprometimento, ou não, do autor com a proposição enunciada.

Exemplo 3

O tiroteio voltou a fazer parte da rotina de uma das maiores favelas do Brasil. Sei que isso não acontece só na Rocinha, porque leio os jornais e acompanho os relatos de moradores da Maré, do Alemão e de outras comunidades consideradas “pacificadas” (Texto sessão “Reportagem”. Grifo nosso).

No exemplo 3, o CC demarca um grau de solidariedade com os demais moradores da Rocinha

ao compartilhar que esta realidade negativa não é exclusiva do seu local; e com distintas comunidades, externando que estes problemas acontecem também com outras pessoas e favelas. Porém, a ação crítica de buscar a informação por meio dos jornais e de outros relatos, deixa sentidos de redução do grau de comprometimento com o que está sendo afirmado, pois divide o peso da proposição com outros profissionais (jornalistas) e moradores.

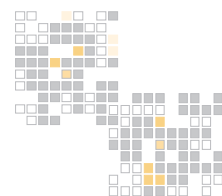
O afastamento do enunciador também é percebido em outra proposição, conforme o exemplo 4, quando o correspondente utiliza da estratégia da modalidade objetiva (“eu aprendi”) para distribuir o peso da declaração com outras pessoas, ou até mesmo com as experiências que teve, que o ensinaram o que é afirmado. No mesmo trecho, o enunciador deixa outros indícios de uma possível baixa afinidade ao utilizar novamente “o morador”, ao invés de se incluir explicitamente.

Exemplo 4

Eu aprendi que quando os tiros diminuem, o perigo aumenta. Essa é a hora em que o morador da favela sai de sua cama, ou de seu abrigo, achando que a situação acalmou... mas quando se está despreocupado, o pior acontece.

(Texto sessão “Reportagem” Grifo nosso).

A presença desses indícios de baixa afinidade, segundo expõe Fairclough (2001), não necessariamente representa falta de convicção ou de conhecimento por parte do autor. A modalização consegue revelar também a possibilidade de falta de poder e “aquilo que pode ser reivindicado como conhecimento [...] depende de relações de poder” (Fairclough, 2001, p.201). Como já informado, as reportagens que são postadas na sessão “Reportagens” passam pela correção da redação do mesmo, estando sujeitas a alterações textuais. Essa prática, que já está convencionada e atrelada



à publicação e ao subsequente recebimento do pagamento, delineia uma relação de poder entre o projeto e o CC, que pode interferir nos sentidos expressos pelos autores do texto original e resultar em baixa afinidade no enunciado final.

Ainda, precisamos reforçar que a proposta comunitária do Viva Favela tem forte ligação com o fazer jornalístico. Com isso, ao serem revisados os textos elaborados pelos correspondentes comunitários, princípios como imparcialidade devem ser postos em prática, o que implica em mudanças de sentido. Ao colocar como exemplo o caso da mídia e de como esta se utiliza de modalidades categóricas, Norman Fairclough esclarece que, com essa prática, o discurso “[...] posiciona e molda os sujeitos sociais e contribui principalmente para o controle e a reprodução social” (Fairclough, 2001, p.202).

A presença e participação da redação do VF na produção das reportagens, acarretando em possíveis modificações nas estratégias discursivas e assim, nos sentidos biopolíticos dos discursos enunciados, são ratificadas ao olharmos para outro texto estudado. Publicado na sessão “Blogs” em 27 de janeiro de 2015, o *post* intitulado “Bala perdida acha jovem de 21 anos na Rocinha. Ela deixa marido e dois filhos” apresenta semelhanças e oposições produtivas quando comparado ao texto anteriormente analisado.

Um primeiro destaque é quanto ao tom, que passa de poético com leve denúncia a uma indignação com forte apelo emocional. Ainda, são percebidas diferenças quanto à estrutura textual, não tendo adequada separação de parágrafos; às fotografias, que não estão seguidas de legenda ou fonte/autoria; bem como aos erros de digitação (“na barriga **se** sua mãe”, “troca de **trios**”, “Adriene/**Adrielle**”). O CC faz uso constante de pontos de exclamação e do padrão de texto em caixa alta, que explicitam o fato de não ter passado por revisão e ter sido escrito livremente com suas características discursivas (verificar exemplo 5).

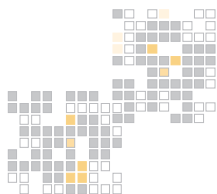
De acordo com o estudo da estratégia de modalidade, o CC expõe marcas que representam seu envolvimento pessoal com o caso relatado, como morador da Rocinha e como amigo, abandonando o princípio da imparcialidade.

Exemplo 5

Acompanhando a família de Adriene Solan do Nascimento, 21 anos, moradora, nascida e criada na comunidade, não falo aqui como jornalista e sim como amigo de muitos anos. Posso afirmar que vi Adriene na barriga se [sic] sua mãe!! Adriene Solon era muito querida. Casada e mãe de dois filhos, ela nos deixou na madrugada de domingo, por causa de uma bala perdida em meio a mais uma troca de trios dentro da Favela da Rocinha. Lamento o ocorrido e venho prestar meus sentimentos a todos, diante de um fato irreparável e inaceitável!!!! Deixo um relato de Fábio Lau, que não mora na comunidade, mas teve o prazer de conhecer Adrielle. Ele fez questão de expor sua indignação, lembrando o amor que Adrielle sentia pela família e sua honestidade. Ela era uma pessoa cheia de vida. Agora, essa é mais uma família destruída por causa de uma MALDITA BALA PERDIDA, que sempre encontra uma vida inocente.

(Texto sessão “Blog”. Grifo nosso).

Apesar de percebidas marcas de afinidade no primeiro discurso analisado, devemos pontuar que no enunciado em questão essas ficam mais evidentes, não sendo velada a emoção do correspondente ao expor o fato e tornando a imparcialidade inexistente. Ao iniciar com o verbo “acompanhar”, o enunciador se expõe como participante, o que dá o sentido de aproximação a partir do tempo verbal utilizado que significa a ação de estar junto com a família, como morador da Rocinha. Na sequência, o CC ratifica esta aproximação.



mação, revelando que não está escrevendo profissionalmente, mas “como amigo de muitos anos” e utilizando o verbo auxiliar modal “poder” para expressar que tem condições de fazer esta afirmação. Com relação à utilização desse verbo modal, destacamos seu duplo sentido, quando possibilita significar permissão ou capacidade (Fairclough, 2001).

Ainda no que tange ao exemplo 5 e à modalidade, encontramos outro reforço do grau de afinidade do autor com o discurso nas proposições “ela nos deixou” e “uma MALDITA BALA PERDIDA”. A primeira novamente inclui o CC, que faz questão de se colocar como se fosse parte da família da vítima, sendo também “deixado” por ela. Na segunda, o sentido de afinidade e de aproximação é colocado em um grau elevado, ao ser utilizada a opção de escrita em caixa alta, o que significa “gritar”, no ambiente discursivo virtual. Essa forma de expressão deixa traços de um desabafo, como um grito contra algo que “sempre” resulta em tragédia.

Outro destaque é quanto à vontade de ser ouvido para lutar contra a violência e conseguir a mudança, iniciada quando verificamos os aspectos linguísticos vinculados à temática. Ao encontro do que visualizamos no primeiro texto, a denúncia quanto aos perigos a que estão expostos os moradores da Rocinha é reafirmada, ao iniciar e finalizar orações com palavras e expressões que tematizam a violência (exemplo 6, exemplo 7). Mais uma vez, esta percepção faz-se possível já no título, que situa o contexto geográfico (Rocinha) e o vincula ao risco de “bala perdida”, que são “frequentes” a ponto de se tornarem normais, como o “sofrimento das famílias”.

Exemplo 6

Bala perdida acha jovem de 21 anos na Rocinha. Ela deixa marido e dois filhos (Texto sessão “Blog”. Grifo nosso)

Exemplo 7

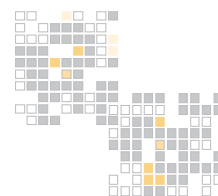
Os frequentes tiroteios já viraram rotina e até são considerados *normais*. **As famílias voltaram a sofrer** (Texto sessão “Blog”. Grifo nosso).

Outra forma de tematização praticada no relato envolve também o reforço de participação e envolvimento do autor do texto com o enunciado, pois trata da utilização da primeira pessoa. Assim como já obtido na análise da reportagem principal, o enunciador apresenta-se constantemente, declarando seu pertencimento ao universo enunciado. Utiliza como estratégia de transitividade o tipo de processo da ação dirigida, sendo o agente que “fala”, que “pode afirmar”, que “lamenta”, que “deixa”, que “precisa”, que “percebe”, que “vê”. Com essa estratégia discursiva o CC se coloca como tema, ou seja, valoriza o seu conhecimento ao relatar o acontecimento, ao passo que praticamente só utiliza como estratégia de transitividade o processo de ação dirigida.

4. Considerações finais

Os apontamentos expostos neste texto perpassam o diagnóstico tridimensional sugerido pela Análise Crítica do Discurso de Fairclough, que destaca interessantes aspectos que conduzem o olhar do analista interessado na observação de práticas sociais por meio das práticas discursivas. No nosso entendimento, verificá-las suscitou relevantes indícios à comunicação comunitária, viés comunicacional atento às práticas sociais e culturais de conscientização, empoderamento e disseminação do conhecimento. Observar pelo prisma dos discursos enunciados viabilizou a percepção dos sentidos dados a temas comunitários presentes nas estratégias discursivas dos sujeitos envolvidos, cujas marcas analisadas deixam perceber que práticas comunicativas se moldam num dado contexto de relações de poder.

O relato e análise das experiências e práticas

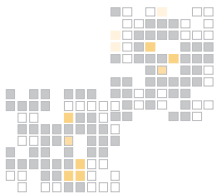


de comunicação popular praticada pelos correspondentes comunitários do Projeto Viva Favela da ONG Viva Rio, no Rio de Janeiro/Brasil, evidencia pela ACD de Norman Fairclough, que o Projeto tem uma proposta de prática biopolítica inserida em um contexto de luta às estratégias de biopoder, justamente por promover uma perspectiva participativa e coletiva da comunicação, que por vezes está na contramão do almejado por muitos na sociedade contemporânea. Ao nos questionarmos quanto às relações de poder presentes no âmbito comunicacional estudado, identificamos que estas duas formas de poder atuam conjuntamente, cada qual a sua maneira: o biopoder quanto à dominação da vida, e a biopolítica no seu avesso, como uma resistência ativa.

Tratar deste espaço biopolítico é relevante à comunicação comunitária e a projetos desta perspectiva, como o Viva Favela, uma vez que neste ambiente estão envolvidas práticas sociais, culturais e políticas, perpassadas pelo discurso. Nesse sentido, os correspondentes comunitários são motivados a contar o que acontece em suas comunidades. Pela narração coletiva, constituem

um discurso sobre esses locais que proporciona aos demais conhecerem como são pela “voz” dos moradores. Essa “versão colaborativa” remete à partilha, ao desenvolvimento de relações sociais por meio de trocas simbólicas, e à conexão entre as singularidades, apontamentos que definem espaços de expressão biopolítica, embora se apresente fortemente envolvida a sistemas que imbricam dispositivos de biopoder.

Apontamos que ao optarem em participar como correspondentes comunitários, os sujeitos já demonstram uma aproximação à conscientização e ao reconhecimento da realidade que experienciam. Percebemos que essas pessoas se autorizam a agir, por elas mesmas, o que remete ao entendimento de empoderamento, da conscientização dos sujeitos. Esta relação entre os sujeitos e o reconhecimento de seus espaços, o entendimento de sua realidade com vistas à mudança, aproxima os objetivos de transformação social e político-cultural dos conceitos de comunicação para o desenvolvimento, iluminando uma possibilidade investigativa às pesquisas em comunicação comunitária.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. *Ontologia da liberdade na rede: as multimídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos*. Trabalho apresentado ao GT Comunicação e Cibercultura, do XIX Encontro da Compós. PUC-RJ: Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://compos.com.puc-rio.br/media/gt1_henrique_%20antoun_%20f%20malini.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2013.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- MANYOZO, Linje. *Manifesto for development communication: Nora Quebral and the Los Baños School of Development Communication*. Asian Journal of Communication, 16 (1), p.79-99, 2006.
- NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Multidão*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro - São Paulo: Record, 2005.
- NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Império*. Tradução de Berilo Varga. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- PELBART, Peter P. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- VERON, Eliseo. *Fragments de um tecido*. Tradução de Vanise Dresch. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

Recebido: 21/09/2016

Aceito: 25/11/2016

